

24 SET 1985

JORNAL DO BRASIL

Política

Sarney: exigência de credor ameaça democracia

discurso
Nova Iorque — O Presidente José Sarney, no discurso de abertura da 40ª Assembléia-Geral da ONU, advertiu que a democracia na América Latina não resistirá às imposições dos bancos credores de sua dívida externa. Aplaudido com entusiasmo pelas delegações dos países pobres, Sarney afirmou que o Brasil “não pagará a dívida externa nem com a recessão, nem com o desemprego, nem com a fome”, porque “com débito pago com miséria é conta paga com a democracia.”

Após o discurso, em entrevista a 70 jornalistas, Sarney atacou o FMI, classificado de “auditor de bancos internacionais” e responsabilizado pela “crise social em que o Brasil esteve mergulhado.” Criticou também o protecionismo dos Estados Unidos: “Somos induzidos pelas agências internacionais a exportar cada vez mais, para gerar saldos que possibilitem o pagamento da dívida. No entanto, os mercados que podem absorver nossos produtos se fecham.”

“Longa noite”

Em sua apresentação ao plenário da

ONU, Sarney começou ditando versos do poema “A Máquina do Mundo”, do poeta maranhense Bandeira Tribuzzi, seu amigo morto em 1977: “Que tempo de viver-se/que sonho raro será mais puro e belo, e mais profundo do que esta viva máquina do mundo?”. Disse que falava em nome de um país que é “a oitava economia do Ocidente”, mas se definiu como “homem simples” vindo do “populoso e pobre Nordeste brasileiro.”

“O Brasil acaba de sair de uma longa noite”, continuou seu preâmbulo, assinando que “o instrumento de nossa viagem do autoritarismo para a democracia foi a capacidade de conciliar.” Acrescentou que “nossa determinação, coragem e resignação foram tão fortes, que suportamos a perda do nosso herói, Tancredo Neves.”

“Estou aqui para dizer que o Brasil não deseja mais que sua voz seja tímida”, anunciou Sarney, renunciando o tema da dívida externa, que daria o tom do discurso e sobre o qual foi incisivo: “Nosso povo chegou ao limite do suportável. É impossível solicitar sacrifícios adicio-

nais de uma população depauperada.” Em seguida enfatizou: “Ou conscientizamo-nos de que a solução da dívida externa é uma tarefa conjunta de credores e devedores, ou arriscamo-nos a atear fogo no barril de pólvora que ameaça o Continente.”

Sarney citou o exemplo do Plano Marshall, patrocinado pelos Estados Unidos para reerguer a Europa Ocidental após a II Guerra Mundial e disse que a América Latina precisa de algo semelhante, para que seus países possam pagar as dívidas contraídas sem custos sociais e econômicos.

“Moderado em seu tom, mas energético em seu conteúdo”, comentou a agência **France Presse** sobre o discurso de Sarney. A **UPI** ressaltou a semelhança entre a posição assumida pelo Presidente brasileiro e a do Presidente do Peru, Alan García. A agência espanhola **EFE** disse que foi “um discurso sem concessões com relação à injusta ordem econômica mundial”.

Sarney declarou aos jornalistas que o

Brasil vai apresentar aos organismos financeiros internacionais uma proposta de reordenamento das relações econômicas entre países ricos e pobres. Referiu-se ao México como exemplo típico da inadequação da receita do FMI para os países devedores.

Sobre a reunião de anteontem, aqui em Nova Iorque, dos ministros da Fazenda e presidentes dos Bancos Centrais dos cinco países industrializados — Estados Unidos, Japão, Alemanha, França e Inglaterra — Sarney considerou o resultado decepcionante, na medida em que os participantes pregaram uma solução ortodoxa de desequilíbrio econômico entre nações ricas e pobres.

Enquanto aguardava que o intérprete traduzisse a resposta para os jornalistas, Sarney, esquecendo-se de que o microfone permanecia ligado, virou-se para o Ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, e perguntou: “Não é isso?”. Setúbal, que habitualmente fala alto, respondeu com entusiasmo: “É isso mesmo”.